

RÍSPOLLI, Guilherme Conrado Pereira. **Enlouqueço-me Diante da Minha Lucidez [a atuação esquizofrênica rubeniana] – Uma Conferência Performativa**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestrado concluído; sob a orientação de Narciso Laranjeira Telles da Silva; bolsista CNPQ. Ator, dançarino e cantor.

RESUMO

O presente trabalho não é, se não, o compartilhamento do texto dramático criado para a conferência performativa *Enlouqueço-me Diante da Minha Lucidez [a atuação esquizofrênica rubeniana]*, obra derivada do processo investigativo deste artista-pesquisador que se deu em seu mestrado recém-concluído neste último ano. A conferência em questão, enquanto trabalho artístico, teve sua estreia dentro do referido Simpósio do LUME. Desde então, o desejo pulsante (e mais honesto) para a atual publicação foi o de dividir, pura e simplesmente, os devaneios que perambulam tal dramaturgia – interligados com as questões referentes à pesquisa em si –, de modo que, ele – o desejo – fora aqui respeitado. O artista envolvido por sua relação com um dos mais importantes atores e diretores do teatro brasileiro, Rubens Corrêa (1931-1996), que, por sua vez, embebeda-se dos pensamentos artísticos-vitais de Antonin Artaud (1896-1943), até que por fim se encontra com a (própria) louca-lúcida-loucura dentro do pensar-fazer atoral.

Palavras-chave: Rubens Corrêa. Antonin Artaud. Inconsciente. Atuação Esquizofrênica. Conferência Performativa.

ABSTRACT

The present article is not, but sharing the dramatic text created for the lecture-performance *Enlouqueço-me Diante da Minha Lucidez [a atuação esquizofrênica rubeniana]*, work derived from the investigative process of this artist-researcher in his just concluded master degree last year. The mentioned conference, as an artistic work, has been premiered in the LUME Symposium. Since that, the pulsating desire (and more honest) for this publication was to share, only and exclusively, the daydreams found on the follow dramaturgy – interconnected with the questions in the research itself –, so that, he – the desire – here has been respected. The artist involved in his relationship with the one of the most important Brazilian actor and director, Rubens Corrêa (1931-1996), that, in its turn, is drunk of the artistic-vital thoughts of Antonin Artaud (1896-1943), and finally find his own mad-lucid-madness in the actor's do-thought.

Keywords: Rubens Corrêa. Antonin Artaud. Unconscious. Schizophrenic Acting. Lecture-Performance.

*Ceci n'est pas une article*¹.

Eu sempre me perco no(s) discurso(s). Sinto que nunca sou/faço-me claro para aqueles com quem pretendo dividir as questões que circundam este entorno (este aqui; talvez, você consiga sentir ele daí também). Questões estas, sobretudo, que pertencem ao campo artístico, institucionalizadas, a serem abordadas em eventos específicos. Embaralho-me e me embrulho pra

¹ Isto não é um artigo. Referência à obra pictórica do artista surrealista René Magritte, *The Treachery of Images (Ceci n'est pas une pipe)*, datada de 1929 (vide Figura 01).

presente sem destinatário. Devolva-me! (Pausa. Faz esta pausa comigo?). Por isso, estou sempre na busca pela melhor forma de me comunicar, na tentativa de me fazer compreendido (espero sê-lo).

Antes de mais nada, sou um artista da cena. Como tal, acredito que a clareza dos discursos outrora perdidos, encontram-se (mais) inteligíveis na comunicação diante/através dela – da cena, propriamente dita. Mais que isso, é o espaço cênico que me permite enxergar com maior nitidez, a lógica-ilógica do mundo ao qual estamos pertencentes e o ser humano que, em sua essência, vem a fazer sentido enquanto indivíduo – mesmo carregado de suas doenças (psico-sociais), principalmente, imbuído de sua extrema lucidez-louca-lúcida-loucura. É neste lugar que, acredito eu, melhor consigo contribuir para com a existência humana, à maneira de Artaud. Como o sangue que circula por nossas artérias, o teatro (me) é uma necessidade. É com esta intensidade artaudiana que as artes da cena se fazem presentes em mim, pois, conforme Salles,

No teatro proposto por Artaud, cada gesto, olhar, fala, é preenchido de absoluta certeza de sua necessidade de estar ali naquele momento para comunicar algo, mesmo que esta comunicação possa ser transposta a outras leituras para o espectador, pois cada palavra, ou imagem, mesmo sendo aprendida dentro de uma cultura, da mesma forma que é ensinada para todos os componentes, tem um sentido ligeiramente diferente para cada pessoa, ainda que sejam de uma mesma cultura e de nível sócio-econômico semelhantes. É certo que a percepção e recepção é diferenciada de pessoa para pessoa e depende muito de sua vivência anterior em níveis cognitivos, afetivos, sensoriais, etc. (SALLES, 2004 p. 51)

Neste caso, portanto, eu não poderia apresentar a minha comunicação de outra maneira que não cenicamente. Seria injusto e desonesto, comigo mesmo – meu ser-artista contestaria –, assim como para quem ali estivesse presente, interessado em me ouvir – logo, o público. Assim, o VIII Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, realizado no presente ano pelo LUME, permitiu-me compartilhar e refletir conjuntamente à outros artistas-pesquisadores das principais conclusões alcançadas por mim ao longo da minha trajetória de investigação dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC/Mestrado, oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), entre os anos de 2016 à 2018. Sinto ter que relatar que tais “conclusões”, tornaram-se, na verdade, portas abertas para novas aflições. No entanto, agora não é momento propício para este discurso. (Vistes? Perdi-me novamente).

Em suma, a pesquisa realizada buscou partir das observações em cima da atuação de Rubens Corrêa (1931-1996), ator e diretor brasileiro, no espetáculo *Artaud!* (1986) – através de documento audiovisual; neste caso, um vídeo-ensaio, com direção de Gilberto Gouma –, em constante diálogo com os pensamentos artísticos-vitais artaudianos e os estudos relativos às manifestações (do) inconsciente/s humano(as), refletir sobre a prática atoral, de modo a sugerir a leitura de uma *atuação esquizofrênica rubeniana* que está contida na *poética da loucura*² encontrada na vida-obra artaudiana. De maneira

² Termo cunhado por Nara Salles em seu trabalho de doutoramento intitulado *Sentidos: uma Instauração Cênica, Processos Criativos a partir da Poética de Antonin Artaud*, de 2004. Hoje, a atriz e pesquisadora prefere se utilizar da expressão *poética da existência*, tendo em vista as

a procurar contribuir para as reflexões na área do saber artístico, em especial, nas investigações dentro do campo da atuação, o trabalho apresentado por este jovem, confuso e controverso artista-pesquisador dentro do Simpósio teve, então, o caráter de uma *conferência performativa*.

Apresentado à mim pelo Prof. Narciso Telles, orientador do trabalho em discussão, a *conferência performativa* tem sido muito valorada nas últimas décadas por artistas da cena contemporânea – em sua maioria, advindo das artes visuais – que estão contextualizados em ambientes acadêmicos nos países europeus – principalmente, na Espanha. No Brasil, ela ainda engatinha, de modo a ser pouco (re)conhecida. Considerada como um subgênero da performance, a prática em questão é uma oportunidade para que os artistas-pesquisadores (e/ou palestrantes) experimentem compartilhar de suas pesquisas artísticas dentro de um formato cênico – cada qual, a seu modo. As artes da cena, neste caso, auxilia no rompimento das barreiras e abre espaço para o hibridismo artístico, sob o intuito de criar uma obra cênica que afete o espectador por inúmeras vias que não somente a intelectual, como geralmente se dá dentro das conferências que (ainda) seguem o paradigma cartesiano. Deste modo, o espectador é capaz de se relacionar com o objeto de estudo daquele que o apresenta também por meio da emoção e dos sentidos.

El proyecto CONFERENCIA PERFORMATIVA investiga y muestra la conferencia como práctica artística expandida y las diferentes formas de presentación pública e interacción con la audiencia como formas concretas y nuevas de producción artística y de producción discursiva. Se trata de un proyecto híbrido, cruzado y un tanto bastardo que aúna las vertientes prácticas y discursivas de la creación y que se posiciona entre el discurso y la acción artística, entre la reflexión y la producción, entre el (arte) conceptual y la performance, entre la investigación científica y el espectáculo y entre la mediación y la difusión del arte³.

novas experiências pós-doutorado, conforme contou-me quando da minha defesa de dissertação na UFU, onde ela esteve virtualmente presente como membro da banca examinadora.

³ O único meio de acesso ao projeto *CONFERENCIA PERFORMATIVA: nuevos formatos, lugares, prácticas y comportamientos artísticos* encontrado por mim, a priori, fora via plataforma digital pelo seguinte link: <http://conferenciaperformativa.org/proyecto/>



Figura 1 - The Treachery of Images (Ceci n'est Pas Une Pipe)
René Magritte, 1929

Baseado nesta/es ide/i/a(i)s é que pude dar início ao processo de criação dramaturgical da minha conferência. Sob o intuito de estreá-lo – como o foi – dentro do recém-concluído Simpósio do LUME, nas localidades da UNICAMP, procurei nesta primeira etapa criativa costurar textos já produzidos, encontrados no meu trabalho de dissertação, com novos devaneios textuais. Desta maneira, portanto, o desejo aqui-agora latente é o compartilhamento da dramaturgia escrita por mim – inédito, até este instante –, que me serviu de base para a criação do experimento cênico mencionado (nada além). Salvo as adaptações naturais que os trabalhos com as artes da cena demandam, guiados por textos dramaturgicals, segue logo abaixo o texto na íntegra, tal como o fora pensado em sua primeira versão. De resto...

DRAMATURGIA

(Uma mesa no canto com uma cadeira. Notebook, caixa de som, projetor e microfone; o manto roxo e dois livros. Já estou em cena. Paisagem sonora: batimentos cardíacos. O público entra. Dirigindo-me a eles).

Sigo em busca da loucura alojada em mim. Eu, ser humano/artista, confesso, não demora muito a encontro. A minha companheira está lá nos momentos mais (im)prováveis, quando libera/jorra imagens frenéticas, fluxos de pensamentos incessantes, que desencadeiam ações impulsivas (in/pulso – pulção – vida) e me invadem, arrebatando o meu corpo por inteiro. Revelam quem (realmente) sou. Ser. Lembrei-me agora de Lispector dizendo que a palavra mais importante da língua portuguesa tem uma única letra: é. (Eco) É. É. É. (Mantém-se o som do eco com o dos batimentos cardíacos) É a fonte de toda a criatividade que aguarda ansiosamente o instante preciso de se manifestar. Quero deixa-la fluir sem interrupções e julgamentos, porém na consciência de que em algum instante será necessário tomar as rédeas e pegar o controle de volta a fim de não... Enlouquecer? (De fato). Eu que, na verdade, já estou louco a estas horas, ao mesmo tempo em que me percebo

lúcido em meio ao jogo de o-posição. Enlouqueço-me diante da minha lucidez. Esta loucura lúcida, na verdade, é que tem sido a pedra preciosa que tanto procuro nas minhas escavações. A lucidez da loucura, loucura lúcida, loucura sensata, loucura sábia, loucura santa, loucura sã... Ser-loucura. (*Gritos*). As experiências de Artaud nos mostra que a loucura é, com efeito, a consciência sobre a perda de si. Explico: desde o momento em que nasce, o indivíduo é privado da vida, tem seu pensamento roubado; isto é, roubam-lhe a própria vida (pensamento-vida/existência). Ou seja, somos suicidados pela sociedade já no nascimento. S(ui)ci-edade: a sociedade na eterna missão de aprisionar o sujeito, oprimir, ditar, suicidar. Portanto, o objetivo máximo destas (nossas) (não-) vidas não seria a procura frenética por nós mesmos? Ação (mais que) lúcida, não?!

A loucura é parte intrínseca de seu oposto, a razão, de modo que elas se encontram imbricadas, são a mesma, uno, um-só-corpo, coexistem. Razão + não-razão = desrazão. A loucura marginalizada está diretamente relacionada às psicopatologias nos dias de hoje. Socialmente, ela é desprezada e fazem questão de isolar o sujeito de seu convívio social. Mais uma vez, o papel da sociedade que: amarra, prende, enjaula, cerca, encarcera, medica, dopa, etc. Existem tantas nomenclaturas bonitas que a medicina concebeu com a finalidade de homogeneizar a humanidade (somos animais de rebanho). A esquizofrenia, talvez, seja a principal delas. Não sou médico, sou louco. (*Solta fragmento do vídeo-ensaio Artaud! – 37min30s. Batimentos cardíacos se mantém. Enquanto roda o vídeo, veste-se com o manto roxo. Assiste o vídeo*)

Os asilos de alienados são receptáculos de magia negra conscientes e premeditados,
E não apenas porque os médicos favorecem a magia com híbridas e intempestivas terapêuticas,
Mas porque as fazem.
Se não tivessem havido médicos
Nunca teria havido doentes
Nenhum esqueleto de morto,
Nenhum doente para escortaçar e esfolar,
Porque foi com os médicos e não com os doentes que a sociedade começou.
Os que vivem, vivem dos mortos.
E também a morte precisa de viver;
E nada melhor do que um asilo de alienados para incubar suavemente a morte, e manter mortos na incubadora. (ARTAUD, 2007, p. 99)

Ao ator é preciso que mergulhe na morte e viva fortemente a experiência. É preciso mergulhar e viver a experiência. Mergulhar na morte e viver (*repete isto algumas vezes. Voz em OFF*) A morte como lugar de início, a arte enquanto pilar da (r)evolução humana, o teatro na qualidade de experiência mística da manifestação da vida em estágio primário. O mergulho denso/cruel ao (re)encontro do ser e de suas origens. A busca pela verdade poética do homem localizada na região do inconsciente: “um fundo de crueldade latente através do qual se localizam num indivíduo ou num povo todas as possibilidades perversas do espírito”. A esquizofrenia é a manifestação desenfreada do inconsciente: uma forte (des)carga afetiva na

psique do indivíduo diante de algum evento, que, uma vez em curso, abrem novos caminhos tomando conta do consciente e desestruturam a personalidade do ser. É a batalha em que o ego é derrotado, e se fragmenta em mil pedaços. Ou seja, a partir daí é o inconsciente que está no comando. OS INUMERÁVEIS ESTADOS DO SER. *(Boom. Um disparo, cai. Música 'Fera Ferida'. Passa pelo chão, rola, canta junto, dubla no microfone, diverte-se. Sai aos poucos a música).*

Já me acostumei com os convites para fazer velhos, loucos e tarados! Minha vida nesse aspecto tem sido uma loucura. Já estou até conformado. Se eu reunir todos os papéis que fiz e os que rejeitei, posso tranquilamente erigir o Hospício Rubens Corrêa! (KHOURY, 2000, p. 215).

(Grita) Eu não sou um homem, eu sou dinamite. *(Transição rápida)* Existe potência poética real (dentro das diversas possibilidades que caracterizam outras realidades) no processo esquizofrênico. Aliás, ela fora muito bem aproveitada por tantos gênios ao longo da história da humanidade. *(Reflete sobre o termo empregado)* Eu disse 'bem aproveitada'? Não! Que horror! Ela fora muito bem AMADA. Muitos amaram fortemente a loucura (do mundo/de si). O meu amor por você são várias pedras de Sísifo que eu insisto em carregar. Artaud, Nerval, Gauguin, Byron, Tolstoi, Munch, Van Gogh, Tchaikovsky, Nietzsche, Kafka, Virginia Woof, Eduardo Pavlovski, Tânia Farias, Narciso Telles, Grace Passô, Carolina Bianchi, Zé Celso... *(Pausa)* Rubens Corrêa. *(Projeta a imagem de Rubens. Lê)*



Figura 2 – *Artaud!* (1986)
Foto de Gal Oppido

Um dos mais importantes atores e diretores do teatro brasileiro e membro fundador do Teatro Ipanema, Rubens Corrêa deixou marcas

irreparáveis em todos aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-lo, sobretudo, assisti-lo; ele não era louco, propriamente falando, mas sim, conheceu de perto a (sua própria) loucura dentro do ofício, do fazer teatral. **HOMEM-TEATRO**. Rubens foi/é (impressionante como algumas pessoas insistem em permanecer vivas) um grande explorador das profundidades humanas, assim como os outros do rebanho. Através de um intenso processo de dissecação – de si, de Artaud, da humanidade –, o ator se deparou cruelmente com as guerras internas dos titãs e envolveu-se nelas/com elas, de modo a trazer à luz, cenicamente, *os inumeráveis estados do ser artaudiano* – ou seja, a própria esquizofrenia –, sobretudo, em sua composição de ator; principalmente, naquilo que tange à criação do(s) próprio(s) Artaud's, e aqui estou sendo bem específico e falando do espetáculo *Artaud!*, de 1986. *(Volta imagem para o cartaz-divulgação. Em seguida, exhibe novamente o vídeo-ensaio, desta vez sem som. Mantém-o rodando).*

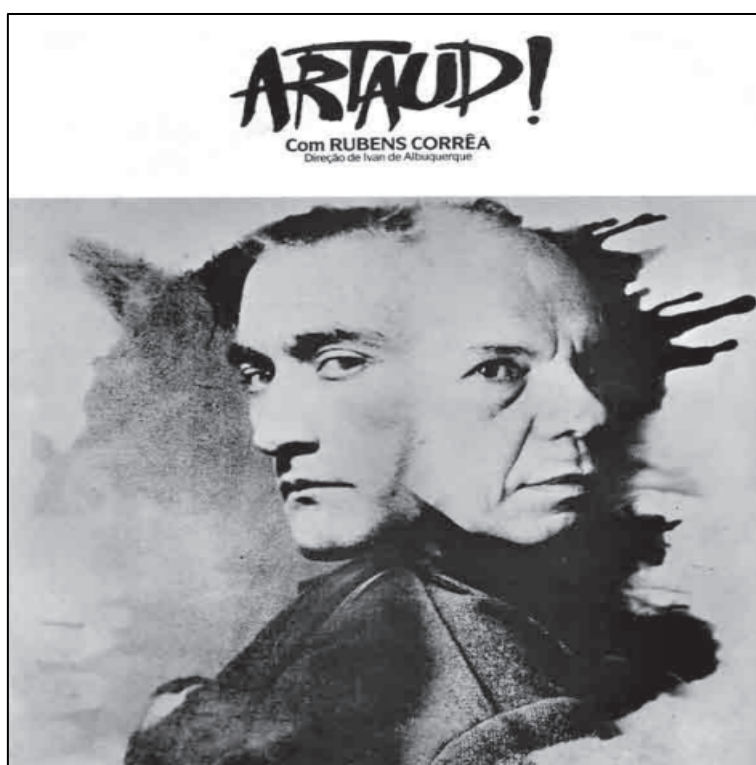


Figura 3 – Imagem-Divulgação *Artaud!* (1986)

Para além disso, Rubens foi capaz de (e)levar a linguagem (do) inconsciente para os outros trabalhos que desenvolveu enquanto intérprete, assim como na concepção da identidade artística do grupo do Ipanema, juntamente com Ivan de Albuquerque e Leyla Ribeiro – inclusive, podemos nos arriscar a dizer, antes mesmo do monólogo feito no porão sobre o mito (re)conhecido por Antonin Artaud. *(Observando Rubens)* O que podemos observar/aproveitar do processo atoral de Rubens está exatamente nesta busca do ator pela abertura de caminhos para as manifestações (do) inconsciente/s no trabalho de criação, usufruindo do processo de enlouquecimento – definido como surto psicótico nos clientes em situação esquizofrênica – enquanto energia cênica vital (desejos) e a revelação do ser humano.

Isto é, *(pega o texto para ler)* o ponto de partida do corpo-desejo, aciona a energia do motor que movimentava o trem sem a alavanca de freio, o que o faz descarrilhar durante o seu trajeto. É este o ponto que interessa aqui: o desenfreado. O trem, neste caso, é Rubens, que, como ator inteiro que é, encontra-se com a sua loucura sensata: (re)faz as rotas (i)lógicas do próprio pensamento-corpo, desmembra-se e propõe inúmeras metamorfoses corpóreas, perde-se e se (re)encontra com os limites da sua(s) própria(s) personalidade(s), causa a ordem e o caos, preenche-se de/do vazio, incendiando poeticidade no espaço. *(Sussurrando com o microfone)* A qualidade do surto psicótico na atuação esquizofrênica rubeniana anseia expor a essência/verdade poética do homem. E Rubens Corrêa sabe muito bem afundar, assim como consegue saber de que modo e em que momento exato emergir deste(s) seu(s) mergulho(s). *(Pausa)* Suspensão, transe.

Ao procurar o diálogo com o arquetípico artaudiano, o ator provoca a identificação integral com o/por parte do público. É neste ponto que nos encontramos com a genialidade do trabalho artístico do ator, pois ele consegue, a partir do seu ofício, trazer à tona o macro: as questões relativas à (in)existência da humanidade. Corporifica os pensamentos artísticos-atorais de Artaud com extrema precisão e tamanha compreensão, sabe, de todo modo, o que (não) é, afinal, o ser humano no mais íntimo e obscuro de si. *(Voz ao fundo de Rubens, pode ser alguma entrevista concedida por ele)* Por isso até hoje Rubens vive e os fantasmas permanecessem pulsantes nos palcos do Ipanema – Rua Prudente de Moraes, nº 824. É preciso pedir licença, inspirar os fluídos, por fim, expirar a poesia ali existente. *(Deixa algumas falas dele perdurar para o público, algum momento que ele fale de sua relação com o teatro)* O ator é mencionado sempre como gênio da atuação por todos aqueles que foram marcados pelo seu trabalho. Para se ter uma noção, a atriz Fernanda Montenegro o aponta em sua lista das pérolas das artes cênicas. Por falar nela... *(Trecho de umas das entrevistas de Fernanda Montenegro, em que ela afirma ser o ator um ser esquizofrênico. Em seguida, nova exibição de outro momento do vídeo-ensaio – 59min05s).*

Portanto, Rubens, como exemplo deste ser esquizofrênico, advindo das fortes influências do ator de Artaud (homem-teatro), aproveita-se bem do corpo-voz-espírito para preencher as ações com símbolos adequados (efetivamente encaixados), com o intuito de derramar no público o arquetipo artaudiano. Eles deliram em harmonia e nos convidam a embarcar em seus devaneios, através de um diálogo permanente com a *atuação esquizofrênica* que, para mim, vem integrar a *poética da loucura* encontrada na obra-vida artaudiana/rubeniana. *(Busca o livro, coloca-o em uma mão, enquanto a outra segura o manto roxo. Em estado de prece diz)*

O teatro é
O estado
O local
O ponto
Onde podemos nos apropriar da
anatomia do homem
E através dela curar e
dominar a vida.
(CORRÊA; DE ALBUQUERQUE, 1994, p. 7)

Referencias bibliográficas

ARTAUD, Antonin. *Eu, Antonin Artaud*. Tradução de Aníbal Fernandes. Lisboa: Assírio e Alvim, 2007.

CORRÊA, Rubens; DE ALBUQUERQUE, Ivan. *Artaud!: Colagem de Rubens Corrêa e Ivan de Albuquerque*. Maceió: Fundação Casa do Penedo/SERGASA, 1994.

FONTA, Sérgio. *Rubens Corrêa: Um Salto para Dentro da Luz*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

KHOURY, Simon. *Bastidores*. Rio de Janeiro: Letras & Expressões, 2000. (Série Teatro Brasileiro).

RÍSPOLLI, Guilherme Conrado Pereira. *Rubens Corrêa é Artaud!: as manifestações (do) inconsciente/s no trabalho do ator [uma busca pela atuação esquizofrênica rubeniana]*. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SALLES, Nara Graça. *Sentidos: uma Instauração Cênica, Processos Criativos a partir da Poética de Antonin Artaud*. 2004. 269 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro, Escola de Dança.